

Igreja Católica parou de perder fiéis
e hoje equivale
a 74% da população. Evangélicos
continuam crescendo

Religiosidade em alta

Rio de Janeiro – A poucos dias da visita do papa Bento XVI ao Brasil, entre quarta-feira e domingo que vem, a pesquisa *A economia das religiões – mudanças recentes*, divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que a religiosidade do brasileiro está em alta. Pela primeira vez em mais de um século, a proporção de cató-

licos parou de cair e se manteve estável entre os anos de 2000 e 2003, correspondendo a quase 74% da população brasileira. O número de evangélicos continua crescendo (passou de 16,2% para 17,9%). Segundo o estudo, uma das explicações é o número de pastores: quase quatro vezes maior que o de padres católicos. Já o total das pessoas que

não têm qualquer religião sofreu queda de 7,4% para 5,1%.

Para o pesquisador Marcelo Nery, responsável pelo estudo, a chamada reação católica pode estar relacionada à melhoria na distribuição de renda entre as camadas mais pobres da população (classe E), que, ao lado da elite econômica (classe A), é a mais representativa da reli-

gião católica. Segundo Nery, a transferência de renda proporcionada por programas de assistência, como o Bolsa-Família, contribuiu para que os mais pobres parassem de abandonar o catolicismo. “Quando as condições econômicas são favoráveis, as pessoas deixam de procurar novas religiões”, explicou o pesquisador.

Seitas dominam periferias

Rio de Janeiro – O estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) também mostra que, com a crise metropolitana nas últimas décadas, o inchaço das grandes cidades, o aumento da violência e a piora do acesso aos serviços públicos, as igrejas evangélicas pentecostais (Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus etc.) e os sem-religião tiveram um crescimento mais expressivo nas periferias. Nery acredita que, com o surgimento dessa nova pobreza, as pessoas seguem em geral dois caminhos: "Ou se apegam a religiões de práticas mais intensas, como as pentecostais, ou perdem a esperança e viram sem-religião".

Segundo ele, o crescimento das igrejas pentecostais nessas áreas ainda pode ser entendido como uma forma de ocupar a lacuna deixada pelo Estado, com desemprego, favelização e pre-

cariedade de acesso aos serviços públicos. Em termos econômicos, o estudo constata que a renda familiar per capita dos fiéis das igrejas pentecostais é 30%

menor do que a dos católicos. Enquanto uma família católica tem renda média de R\$ 2.023, o valor cai para R\$ 1.496, quando a família é de pentecostais.

CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou ontem um documento no qual pede aos jovens católicos que promovam ações solidárias, como campanhas de arrecadação de alimentos e roupas e visitas a pessoas necessitas.

Denominado Floresta que Cresce, o projeto tem como objetivo estimular os jovens "de idade e de espírito" a atender a um pedido feito pelo papa Bento XVI, em carta enviada a toda a juventude no mundo. Os bispos do Brasil estão reunidos em Indaiatuba (SP) para a 45ª Assembleia Geral. Um dos motivos do encontro é a eleição para presidente, vice e secretário-geral da CNBB. Bento XVI é esperado no encerramento do encontro.

Ainda conforme a pesquisa da FGV, as mulheres são mais religiosas do que os homens. De um total de 50 religiões observadas, a predominância feminina foi verificada em 43 delas. Elas são, no entanto, menos católicas do que os homens (76,16% contra 79,49%). Nery explicou que, com a revolução feminina e a entrada no mercado de trabalho, as mulheres passaram a ter novas necessidades não correspondidas pela Igreja Católica, como o uso de métodos contraceptivos e a possibilidade do divórcio. O estudo tomou por base os dados da Pesquisa Orçamentária Familiar de 2003, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além de usar dados do IBGE, a FGV saiu a campo em 2003, para entrevistar mais de 200 mil brasileiros sobre religiosidade e economia.